

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Journal do Brasil*

Class.: 11

Data *5 de Outubro de 1987*

Pg.: 5

Messias diz que o erro de Balbina nunca mais

Arquivo — 19/8/87

Ricardo Arnt

— Balbina, nunca mais. Essa hidrelétrica é a maior estupidez do programa energético brasileiro. É um absurdo. É injustificável. Ela tem que ser a última. O Brasil não pode se dar ao luxo de repetir desastres como esse.

Não é o Partido Verde que propõe a hidrelétrica de Balbina, a 146 quilômetros, a nordeste de Manaus, como símbolo de uma campanha nacional contra o descalabro ecológico, mas o próprio diretor da Sema (Secretaria Especial do Meio Ambiente), Roberto Messias Franco.

Franco, 40 anos, há um ano e três meses na Sema, se recupera de uma estafa e está com problemas cardíacos. Os assessores asseguram que seu estado de saúde é normal e que os exames médicos a que se submeteu foram rotineiros. O Secretário, entretanto, não esconde a indignação:

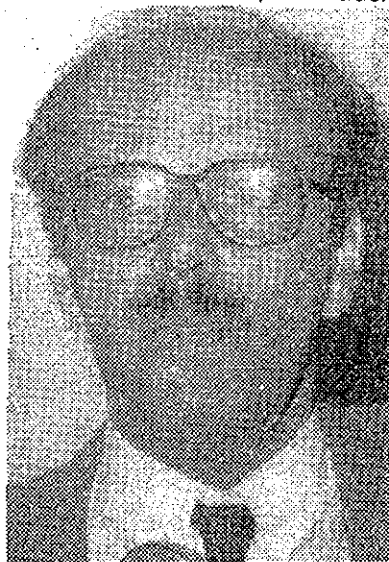
— Estou preocupado com os rumos do desenvolvimento brasileiro e os problemas ecológicos do país. Não é só Balbina. São as lições que o país deve aprender desse episódio.

Lago podre — Na quinta-feira passada, o Secretário soube, pelo presidente do Conselho de Defesa Ambiental da Amazônia, Sérgio Figueiredo, que o órgão concedeu a licença para a entrada em operação da hidrelétrica de Balbina. A obra será inaugurada no dia 30 de outubro, com toda a pompa.

O reservatório de Balbina vai inundar 2.346 quilômetros quadrados de floresta virgem para gerar, teoricamente, 250Mw de energia para Manaus. O lago de Tucuruí, com 2.430 km², gerará 8 mil Mw. O kilowatt de Balbina será o mais caro do Brasil. No total, a hidrelétrica custará cerca de 800 milhões de dólares, CZ\$ 40 bilhões. O dilúvio vai inundar um patrimônio genético e biológico incomensurável, afogando ou expulsando do seu *habitat* centenas de milhares de animais. A eutrofização (boa alimentação) das águas do reservatório, decorrente da decomposição de milhões de toneladas de madeira e folhas, profuzirá um lago sem peixes, podre e fétido à distância.

Avaliação — O secretário Roberto Messias Franco respeita a autonomia do Codeama, órgão seccional do Sistema Nacional de Meio Ambiente, para autorizar a entrada em operação da usina:

— O Codeam considerou os relatórios de impacto ambiental de Balbina satisfatórios — afirma. — Nós queremos avaliar as bases em que esse licenciamento foi feito, seus critérios, métodos e exigências". Por isso mandei pedir o processo para



Roberto Messias Franco

uma avaliação pelo órgão central, a Sema.

Franco não endossa as críticas de grupos ecológicos que acusam a Codeama de se submeter às pressões do governo do estado do Amazonas e do pólo industrial da zona franca de Manaus:

— Não é desconfiança do passado, mas necessidade de definir ações no futuro, de esclarecer, que nos levou a solicitar o processo. Vamos analisar o licenciamento de Balbina para tentar influir no que for possível, ainda, para minimizar os impactos ambientais. O lago vai demorar um ano até encher. Pode ser que enchê-lo até a cota 45 ao invés da 50, com um corte de 10% na produção de energia, permita melhorias.

Nunca mais — Para Franco, a relação custo-benefício em Balbina é uma aberração.

— Ouvi de um diretor da Eletrobrás e de um diretor do DNAEE (Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica) que Balbina é a maior estupidez do programa energético brasileiro. Milhões de dólares vai ser jogado n'água. Toda a madeira inundada será perdida. Com planejamento correto essa madeira poderia ser retirada racionalmente. Isso no momento em que o Brasil detém apenas 0,97% do mercado mundial de madeira e em que precisa de divisas desesperadamente.

Balbina, na verdade, não vai produzir nem os 250Mw que justificariam o seu custo. Vai ser menos da metade disso. A capacidade total de produção da usina só é atingida na vazão máxima do rio Uamatã, com todas as turbinas funcionando.

— Mesmo que gerasse 250Mw, ainda assim seria absurdamente caro. Balbina vai inundar um terço da área que a Cesp, em São Paulo, usa para produzir quase a metade da energia do Brasil — observa o diretor da Sema.